

# TRAJETÓRIAS INVISÍVEIS

*das mulheres artistas  
na História da Arte*

Nascimento, Linda Evelyn Sousa.

Trajétórias invisíveis das mulheres artistas na História da Arte / Linda Evelyn Sousa Nascimento. – São Luís, 2022.

72 f.; il.

Produto educacional da dissertação A sub-representação das mulheres artistas em livros didáticos de História (PNLD 2020).

Orientação da Profa. Dra. Elizabeth Sousa Abrantes.

1. Ensino de História. 2. Mulheres artistas. 3. Sub-representação. 4. Interdisciplinaridade. I. Título.

CDU 7.071.1-055.25(075)

**Elaborada por Luísa Sousa Barros - CRB 13/657**



São muitas as biografias de mulheres artistas e tantas outras que ainda estão para serem descobertas. Essas são histórias apagadas, deletadas dos cânones prestigiados e feitas do e no silêncio. Cada tempo narra ou oculta vidas e destinos.

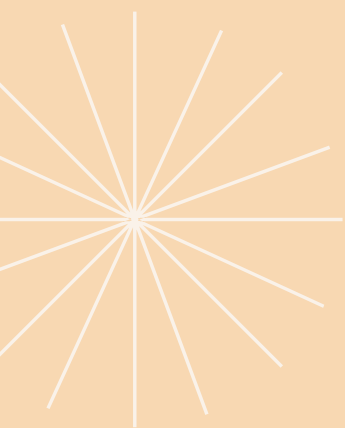
LILIA MORITZ SCHWARCZ (2019, P.3)

# FIAT LUX

"QUE HAJA LUZ", 2020 - BRENDA SOUSA.



*À minha querida irmã e talentosa artista,  
Brenda Sousa.*



*Confira, o*  
**SUMÁRIO**

INTRODUÇÃO

8

ONDE ESTÃO AS MULHERES ARTISTAS ?

13

DE MUSAS A CRIADORAS

25

EXPOSIÇÃO DE MULHERES ARTISTAS:

43

UMA MOSTRA DA EXCLUSÃO

CONCLUSÃO

57

IMAGENS

60

BIBLIOGRAFIA

68



# CARTA AO(A) PROFESSOR(A)



Querido(a) professor(a), este paradidático abordará em cada capítulo um texto base contendo ilustrações, intercalado por abas referentes a glossários, indicação de filmes, livros e museus.

O intuito deste produto educacional é ser uma proposta de material auxiliar para leitura do(a) estudante, que o(a) professor(a) poderá utilizar em sala de aula, no sentido de introduzir os(as) estudantes à importante problemática do apagamento da produção e memória de sujeitos históricos.

O contato do(a) estudante com trajetórias apagadas das narrativas historiográficas desperta o senso crítico e a capacidade de questionar a forma como as narrativas são construídas.

Sabemos que, mesmo enfrentando uma série de obstáculos no dia a dia docente, os(as) professores(as) dão o melhor de si para conseguir abranger discussões pertinentes em sala de aula. Nesse sentido, queremos parabenizar o seu esforço no desafio diário do campo do ensino e apresentá-lo(a) a estas discussões para, quem sabe, conquistar um espacinho na sua sala de aula.

---



# CARTA AO(A) ESTUDANTE



Querido(a) estudante, esse paradidático foi desenvolvido com muito carinho pensando na sua jornada de conhecimento. Ao se aventurar nessa leitura, você vai se deparar com questionamentos que talvez nunca tenha se feito, pensar em sujeitos até então invisíveis, ou meio apagados da História da Arte.

Nós também esperamos, se tivermos êxito, que você se pegue pensando não só nas categorias aqui abordadas (mulheres artistas) mas em tantas outras que sempre ocuparam um lugar à margem na História.

Ah! E tem mais, a construção de uma historiografia democrática, que dê voz a sujeitos historicamente silenciados, pode ser enriquecida através das pesquisas que você vier a desenvolver, já pensou sobre isso?

Além dessas reflexões, também esperamos que você se divirta ao longo da leitura, que aprecie a diversidade de mulheres artistas e se inspire com suas produções.

---



*Sem mais demora, vamos para a*

# Introdução

O objetivo deste paradidático é introduzir os(as) estudantes do ensino Ensino Básico nas discussões a respeito dos sujeitos silenciados da História, mais especificamente as trajetórias insubmissas das mulheres artistas, que ousaram produzir mesmo em meio a desestímulos constantes.



A intenção desse material não é selecionar as melhores ou as mais qualificadas artistas, nem mesmo destacar apenas as desconhecidas para trazer representação, mas o intuito é abordar a diversidade que existe de artistas mulheres, de diferentes regiões e contextos.

Iremos expor a capacidade destas em desenvolver, através de suas obras, a representação de processos históricos e de representar a si próprias, trazendo o olhar desses sujeitos silenciados, suas visões de mundo e a capacidade criativa que possuem, no sentido de romper com o mito de que o lugar da mulher na arte é o da musa inspiradora e a capacidade criativa é reservada apenas ao homem.

Dito isto, nós te convidamos a adentrar conosco nessa aventura de leitura e reflexão, esperamos que esse processo de aprendizado seja divertido e que você perceba o quanto os silêncios da História têm para nos

falar.



## Pincelando ideias

### Estudos de gênero

ESSE MATERIAL É ATRAVESSADO POR ESTUDOS DE GÊNERO, MAS AFINAL DE CONTAS, O QUE ESSE TERMO “GÊNERO” DENOTA?

Por volta dos anos 1970/1980, estudos de pesquisadoras de diversas áreas como Joan Scott e Gayle Rubin começaram a utilizar o termo “gênero” ao analisarem as relações de poder que decorrem das diferenças entre o feminino e o masculino. A categoria Gênero considera as diferenças biológicas entre homens e mulheres, porém não valida a violência, discriminação e opressão baseadas nelas.

Para facilitar o seu entendimento inicial acerca deste paradiático, explicaremos qual o objetivo de cada capítulo aqui trabalhado.

O primeiro capítulo, cujo título é **“Onde estão as mulheres artistas?”**, tem a finalidade de instigá-lo(a) a refletir sobre as diversas exclusões que atravessaram a trajetórias de mulheres artistas, e que dificultaram o desenvolvimento artístico dessas mulheres.

Você já parou para pensar porque as mulheres artistas sempre estiveram associadas à condição de musas, fonte de inspiração dos artistas, tendo seus corpos sendo retratados nas obras dos artistas homens, mas raramente sendo mencionadas enquanto criadoras de arte? Pois é, no segundo capítulo, intitulado **“De musas a criadoras”**, representamos a mulher, mas dessa vez conduzindo os pincéis e esculpindo suas próprias narrativas.

Por fim, no último capítulo, cujo título é **“Exposição de mulheres artistas: uma mostra da exclusão”**, você vai adentrar num campo marcado por invisibilidade: os museus, e vai se surpreender com o fato de que o problema da sub-representação de mulheres artistas se estende aos dias atuais.

Além disso, este material possui algumas seções que irão te ajudar a aprofundar os temas contidos nos capítulos, explicaremos aqui qual o objetivo de cada uma delas.

Os **Glossários** vão te ajudar a entender o significado das palavras utilizadas no texto, a fim de que você compreenda tudo e não se sinta perdido.

Já a seção **Pincelando ideias** vai te inserir em outras possibilidades de discussão, te trazendo mais conteúdo e aprendizado.

Em **De olho na tela**, você vai conseguir relacionar o tema estudado com uma obra de arte produzida por mulher.

**Paleta de filmes e Acervo literário** são seções que irão indicar filmes ou livros que versem sobre o assunto abordado, prepara a pipoca e o marcador de texto e vem conosco!

Em **De olho nos museus**, você irá visitar grandes museus do Brasil e do mundo, tudo isso sem sair de casa, enfrentar fila ou pagar a entrada. Bom demais, não é mesmo?

Nada melhor que aliar a diversão ao aprendizado. Pensando nisso, preparamos as seções **Caça-palavras e as Palavras cruzadas**, em que você vai relembrar o assunto estudado e, ao mesmo tempo, garantir a sua diversão.

Em **Exercitando o conhecimento**, você vai ser desafiado a resolver questões sobre o que estudou, esperamos que você se saia bem!

# OBJETIVOS

Ao fim da leitura você terá aprendido:



## Glossário

agora

Historiografia é um termo que se refere à escrita da História, envolvendo a forma como a História é registrada e transmitida ao longo dos tempos.

ok

- 1 Um pouco mais sobre a seletividade da historiografia e como um olhar crítico sobre a História é importante para conseguir visualizar que os registros históricos são marcados por escolhas.
- 2 Um pouco mais sobre mulheres incríveis que, contudo, ainda permanecem apenas nas "notas de rodapé" da História da Arte.
- 3 Um pouco mais sobre como essa luta por representação se estende aos dias atuais e o quanto ela ainda é necessária.



# ONDE ESTÃO AS MULHERES ARTISTAS?

*Capítulo I*



Quantas mulheres artistas estão presentes no imaginário coletivo? Você já se perguntou o porque de muitas pintoras e escultoras quase não aparecerem em filmes, livros e exposições? Pois é, você pode chegar a pensar que não houveram mulheres que se destacassem nesse campo, mas continua aqui, pois juntos iremos entender melhor alguns pontos que levaram ao silenciamento dessas trajetórias.

Desde que localizamos os nossos primeiros contatos no planeta, é possível conhecer arte. Esta estampa paredes de cavernas, colore quadros e enche galerias. Nos deparamos com produções artísticas no nosso cotidiano e também estamos sempre as associando ao mundo à nossa volta.

Mas, quando paramos para pensar nas maiores manifestações de arte, os nomes que a elas se relacionam são nomes de homens, os gênios, as grandes mentes criadoras. Então, é inevitável o questionamento: onde estão as mulheres artistas?

Muitas pessoas estudaram o assunto e temos, como destaque, o trabalho da historiadora de arte Linda Nochlin sobre o tema, intitulado "Why Have There Been No Great Women Artists?" (Por que não houve grandes mulheres artistas?), de 1971. A autora não concorda com a atribuição a dons divinos que relacionam o talento com o gênio e, como esse é comumente associado a homens.

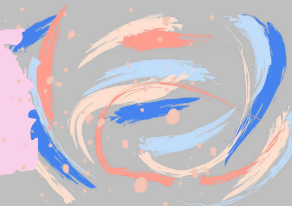
É possível traçar algumas razões para o silenciamento das mulheres no campo das artes, como os denominadores sociais e econômicos, visto que houve pouco, ou nenhum, investimento ou encorajamento no trabalho de mulheres na virada do século XIX para o século XX.

Além disso, houve um distanciamento ou proibição ao ingresso e participação de mulheres em academias e instituições que formam artistas.



Também é importante lembrar que foi atribuído às mulheres responsabilidades do cuidado e zelo do lar e filhos, que cerceavam seu tempo e dedicação à vida profissional. Tudo isso tornava desigual a competitividade entre os gêneros no mercado de trabalho, dificultando a possibilidade de mulheres adentrarem em território marcadamente masculino.

## Pincelando ideias



### Nova História

**UMA DAS MUITAS EXCLUSÕES QUE AS MULHERES ARTISTAS ENFRENTARAM FOI A EXCLUSÃO DO RELATO HISTÓRICO, A PRESENÇA DESSAS NESSES ESPAÇOS É ÍNFIMA E NÃO POR FALTA DE PRODUÇÃO, MAS PORQUE NÃO HAVIA INTERESSE EM SUAS OBRAS, PERSPECTIVAS E VISÕES DE MUNDO. MAS VOCÊ SABIA QUE HÁ UMA CORRENTE HISTORIOGRÁFICA QUE PREZA PELA INCLUSÃO DOS SUJEITOS SILENCIADOS?**

A nova história, uma corrente historiográfica relativa à terceira geração de um importante movimento historiográfico do século XX chamado escola dos Annales, surgiu no final da década de 70 e teve como precursores os historiadores franceses Jacques Le Goff e Pierre Nora.

Essa via da historiografia trouxe novos paradigmas, dentre eles estava a utilização de novos tipos de fontes de pesquisa para a melhor compreensão das sociedades, seus cotidianos e culturas. Por considerar a História mais do que apenas uma sequência de acontecimentos, essa corrente incorporou novos temas de interesse historiográfico, trazendo maior foco aos sujeitos historicamente esquecidos como mulheres, negros, judeus, indígenas, entre tantos que foram deixados à margem e, com isso, contribuiu para uma abordagem do relato histórico mais democrática.

A inclusão desses sujeitos traz representatividade para o relato histórico e o enriquece, uma vez que essas representações dentro do texto estabelecem relação com os grupos sociais, suas memórias e culturas. Mas atenção, essa foi apenas uma rápida explicação sobre uma corrente historiográfica muito mais complexa, pense e pesquise sobre isso.



# DE OLHO NA TELA



Adrienne Marie Louise Grandpierre Deshayes foi uma pintora francesa que começou sua carreira sendo aluna do famoso pintor Abel de Pujol com quem se casou algum tempo depois, tornando-se a esposa e incluiu e ensinou a modelar no ateliê de Pujol.

O contexto de desigualdade entre mulheres e homens no campo artístico fica bem evidente quando analisamos as diversas obras da pintora. Nestas diversas pinturas a artista retrata cenas em estúdios de arte do século XIX.

Estes ateliês privados eram lugares centrais na formação de artistas enquanto as Academias de Arte mantidas eram sempre fechadas para artistas mulheres durante anos. Estas buscavam o conhecimento em ateliês, dentre eles havia o ateliê de Abel de Pujol, na França, que recebia homens e mulheres como alunos, recebendo a própria Adrienne e logo depois viria a auxiliar na gestão do ateliê.



## Glossário

agora

Atelier é um termo francês para estúdio, refere-se ao espaço em que é realizado um trabalho artístico, espaço que o artista utiliza para produzir e aperfeiçoar suas técnicas.

L'ATELIER D'ABEL DE PUJOL, 1822 -  
ADRIENNE MARIE LOUISE GRANDPIERRE-DEVERZY



FONTE: MUSÉE MARMOTTAN MONET (ONLINE)

L'ATELIER D'ABEL DE PUJOL, 1836 -  
ADRIENNE MARIE LOUISE GRANDPIERRE-DEVERZY



FONTE: MUSÉE HISTORIQUE ENVIRONNEMENT URBAIN (ONLINE)

As duas obras de Adrienne revelam que esses espaços são profundamente marcados por diferenciação de gênero. Na tela de 1822, ela representa um ateliê feminino, nela podemos observar que o espaço compartilhado de várias jovens permanece praticando enquanto elas esperam o hereditário do mestre.

Profundamente diferente é o ateliê masculino representado na tela de 1836. Nele, o artista trabalha solitariamente num amplo espaço, só se no canto esquerdo há apenas seu assistente em olhos postos em ações práticas, observar e também que o artista está se utilizando de uma técnica aprendida por muito tempo proibida às mulheres artistas, qual seja o exercício de seus traços utilizando modelo nua.

As diferenças são notórias. Pujol tem para si uma grande tela à medida em que as moças praticam em dimensões modestas, direcionadas para obras de menor valor. Enquanto ele tem livre acesso à ação de modelo vivo, para elas o aprendizado do corpo humano está restrito à observação de pequenas esculturas presentes no estúdio.



## PALETA DE FILMES

O filme *A emilia di rigido po Agnè Me le emabo da a ida da a i a A emilia Gen ile chi da em Roma* Na elai de de cedo demon o alen o pa a a pin ae epaião o pin o O a io Gen ile chi decide o ná la ma a idia a emiê A pa i di o A emilia pa a a de en ol e on ocção pœ e m lhe ela i á encon a di e o ob áx loajeenó ia


A e emplo di o podemo ob e a e a a p ioibidae da e e ci a e de enho do co po n ili ando miodo o e a le a a p oc a o o meio pa a i o ma i i á a de a aden a na Academia da A e po ém apeandiodadade de a p od çõe ela é ec ada em i de do gêne o

Apó i o A emilia eco e à Ago ino Tailhan e pinb o e lhe p e a a ílio em e ap endi ado con dno Agm a o na e pei o de é la iolen ado endo en iãodp lonpai da a i a e condenado à p i ão Apó e e dohn œcimen o a a i a con i a e paço em m e i ó in mamacamlino con eg indo e a p imei a m lhe acei a na Accedemla A e de Flo ença



# ACERVO LITERÁRIO

---



Lançado em 2018, "Artistas Brasileiras" de Aline Lemos é um livro em quadrinhos que traz visibilidade às artistas brasileiras, o material aborda informações sobre suas trajetórias enquanto problematiza a sub-representação da produção artística feminina.

A autora se utiliza narrativa bem humorada, trabalhando o tema de forma leve e divertida. As tirinhas do livro ainda possibilitam um mergulho no estilo de cada artista, uma vez que a ilustração é feita utilizando os traços e cores característicos de suas produções.





# CAÇA-PALAVRAS



*Hey, vamos jogar? Encontre as 9 palavras escondidas. Divirta-se!*

As palavras deste caça-palavras estão escondidas na horizontal, vertical e diagonal, sem palavras ao contrário.

A H I S T Ó R I A P I M T E O A M E T R E E  
T S H E S I L E N C I A M E N T O A P C O D  
D U T R E T G A R E T R M A A E H I R O E I  
I S C R M A U M E C T A E S D S D E W E E P  
H A S O E T Y E C N R A D A R T R S E F M M  
B S S R N M O Y I N V I S I B I L I D A D E  
W E L R T C P O A I R O D T O S E L L E O U  
L F A T G G R O H T E D W U A V N H N T R N  
O S A E T L L A D O L O O R T T L M E T C R  
M A E H X A M A R E P R E S E N T A Ç Ã O H  
B N N G I C E O A O R A O L T E R Y L W M S  
H H I T F H L A A P M A R T I S T A S A N H  
S N O I I A K U R T L F R H E E E O P A S S  
S M U L H E R E S T L C R N O S E E T Y E W  
E K W E O I B I T Ã E O U Y D S H N O E O B  
O I Y U S H O O S D O G C O F U W E I N I A



## RESPOSTAS



*Chegou a hora de conferir quais são as 9 palavras escondidas.*

*Vamos lá ?*

ARTE

MULHERES

EXCLUSÃO

EMPODERAR

HISTÓRIA

INVISIBILIDADE

REPRESENTAÇÃO

ARTISTAS

SILENCIAMENTO



## EXERCITANDO O CONHECIMENTO

1) O estudo da História envolve o conhecimento do passado para o melhor entendimento das transformações e permanências que, ao longo do tempo, alteram as características da sociedade. Com isso, conseguimos entender as estruturas sociais que fazem parte do presente. Em suas palavras, explique alguns fatores socio-históricos que favoreceram a (in) visibilidade das mulheres artistas como sujeitos criadores.



## EXERCITANDO O CONHECIMENTO

2) A História tradicionalmente excluiu as mulheres artistas, suas vivências, pontos de vista e perspectivas dos relatos históricos. Como essa exclusão ocorre na História da Arte?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---



# DE MUSAS A CRIADORAS

*Capítulo II*

Eu sou minha  
única musa, o  
assunto que  
conheço  
melhor

*Quais artistas mulheres você conhece na História da Arte brasileira?*

As mulheres artistas marcaram a história da arte e da humanidade por meio de suas produções, mas permaneceram à margem, nas regiões periféricas, nas notas de rodapé da História, à sombra dos grandes homens.

Nesse capítulo iremos abordar algumas trajetórias que marcaram a arte brasileira, mas não são tão lembradas assim. Cada artista com suas histórias, narrativas, contextos culturais e regionalidades nos levam ao encontro de diferentes e diversas trajetórias que foram se constituindo na vida e na arte.

Nesse capítulo, utilizamos o recorte dos séculos XIX e XX para nortear as escolhas e, claro, a diversidade de regiões e técnicas também foram levadas em consideração na seleção.

Apresentaremos, então, um percurso que atravessará as trajetórias dessas mulheres em diálogos que se conectam a outras reflexões, como a diversidade feminina, e a importância de uma historiografia democrática que dê voz aos sujeitos silenciados, abrangendo suas formas de ver o mundo.

Com isso, as narrativas plurais buscam romper com as barreiras simbólicas e estigmas que invisibilizam os sujeitos, abrindo espaço para as construções que fazem de si e do mundo.

# Abigail de Andrade

(VASSOURAS/RJ, 1864 – PARIS, 1890)

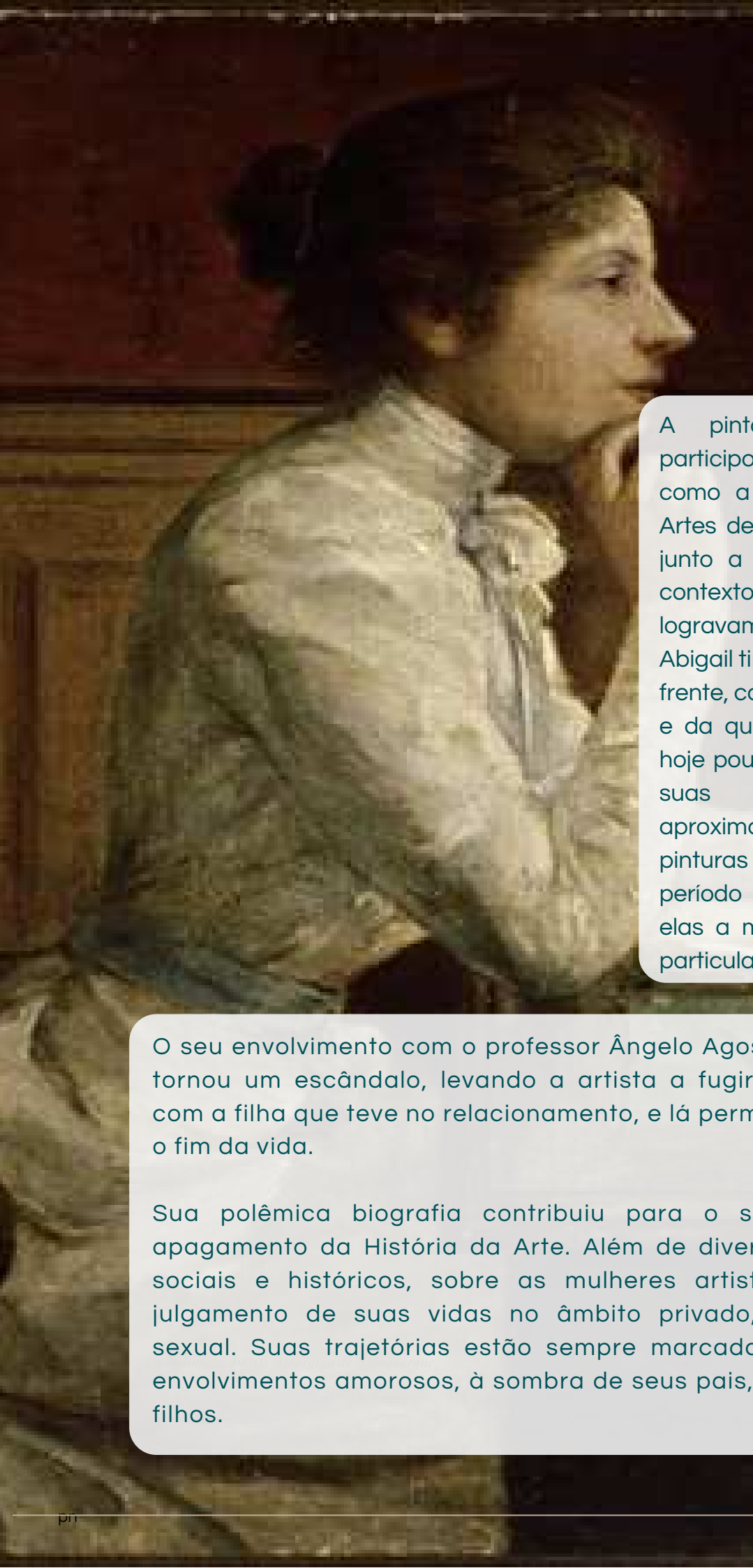
Ao iniciar sua carreira como artista, Abigail de Andrade deparou-se com a primeira barreira que enfrentaria na sua jornada apenas por ser mulher: o impedimento de ingressar como aluna na Academia Imperial de Belas Artes (AIBA), pois a conceituada instituição de ensino superior da época só admitiria mulheres a partir de 1892.

Abigail, então, inicia seus estudos no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, muito embora fosse mais voltado à profissionalização de artesãos. O Liceu, que foi a primeira instituição a aceitar mulheres no quadro de alunos, abrangia uma formação mais técnica e menos elaborada que o ensino superior da Academia Imperial de Belas Artes.

Abigail fez parte da primeira turma, onde também conheceu o professor de desenho Ângelo Agostini, com quem teve um envolvimento amoroso. Por ser ele casado, o romance foi visto como um grande escândalo, tal conduta era inadmissível para os padrões morais que se esperavam de uma mulher e, com isso, apenas Abigail teve sua carreira maculada.



Interior de aeliê Abigail de Andrade  
Coleção particular Fonte: Guia da Arte



A pintora profissionalizou-se e participou de grandes exposições, como a Exposição Geral de Belas Artes de 1884, em que foi premiada junto a artistas consagrados. Num contexto em que poucas mulheres logravam êxito no campo artístico, Abigail tinha um futuro promissor pela frente, contudo, apesar de seu talento e da qualidade de suas produções, hoje pouco se sabe sobre a artista e suas obras, contabilizando-se aproximadamente apenas 50 pinturas de sua autoria referentes ao período entre 1881 e 1889, dentre elas a maioria pertence a coleções particulares.

O seu envolvimento com o professor Ângelo Agostini logo se tornou um escândalo, levando a artista a fugir para Paris com a filha que teve no relacionamento, e lá permaneceu até o fim da vida.

Sua polêmica biografia contribuiu para o seu gradual apagamento da História da Arte. Além de diversos fatores sociais e históricos, sobre as mulheres artistas pesa o julgamento de suas vidas no âmbito privado, familiar e sexual. Suas trajetórias estão sempre marcadas por seus envolvimento amorosos, à sombra de seus pais, maridos ou filhos.



# Julieta de França

(BELÉM/PA, 1870 -?)



## ESCULPINDO UM SONHO

Julieta de França, natural de Belém-PA, em 1897 passou a residir no Rio de Janeiro. Com a proclamação da República, as mulheres passaram a ser admitidas como alunas regulares de cursos superiores, momento em que adentrou na Escola Nacional de Belas Artes e foi a primeira mulher a ter aulas de modelo vivo.

Julieta se destacou na escultura e, em 1900, ganhou o prêmio mais célebre da ENBA: uma bolsa-viagem para o exterior. Um importante reconhecimento numa área que, por demandar esforço físico e não corresponder com o ideal de feminilidade, era vista como tipicamente masculina.

Com a bolsa-viagem Julieta foi à Paris, onde adentrou na prestigiada Academia Julian, ganhando visibilidade e sendo muito recomendada pelos seus professores.

# CONCURSO, ESTIGMATIZAÇÃO E SILENCIAMENTO

Journal do Commercio J i de Fo a Pa e do ál b m So eni de  
de J lie a de F ança Ace o do M e Pa li a da USP São Pa lo Fon e Anai Do  
Hi ó ia e C l a Ma e ial

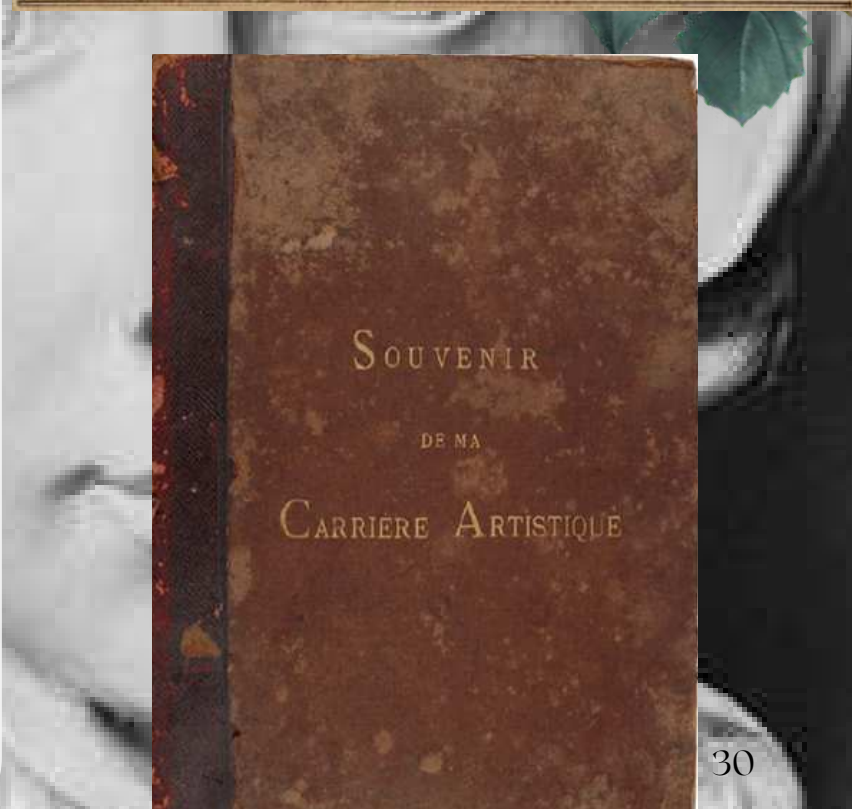
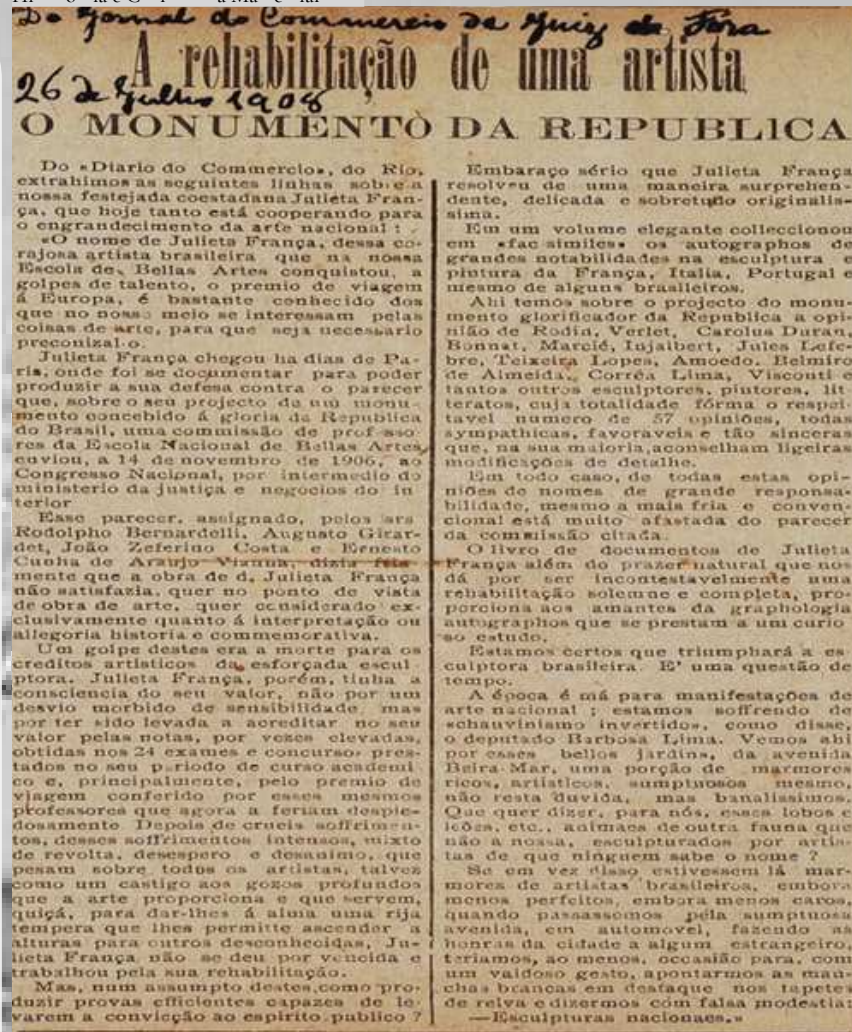
Após cinco anos em Paris, Julieta regressou ao Brasil. Em 1906, surgiu um concurso que selecionaria um monumento em comemoração à República, contudo, ao se inscrever para concorrer, Julieta recebeu um parecer da comissão desclassificando-a, sem muitos argumentos.

A artista então foi até a França e submeteu o seu projeto de escultura à mestres consagrados, dentre eles estava Rodin, todos eles proferiram pareceres confirmando a excelência da obra.

Com isso, Julieta buscou a comissão e solicitou uma reconsideração, contudo, não lhe foi dado o direito ao recurso, permanecendo desclassificada. Além disso, sua atitude foi vista como uma afronta às autoridades da banca, postura insubmissa e desonrosa para o gênero, o que prejudicou muito sua carreira.

Sem a aprovação dos mestres e da academia, que não apoiavam mais as suas produções, a artista foi tendo seu nome esquecido.

Julieta reuniu fotos de suas obras, bem como cartas e jornais sobre seu trabalho e os documentou no livro, cujo título em português é: "LEMBRANÇA DA MINHA CARREIRA ARTÍSTICA", que fizera na tentativa de salvaguardar seus registros, já que não tinha reconhecimento no meio artístico brasileiro e estava situada num contexto cuja historiografia da arte insistiu em apagar a contribuição de mulheres artistas.





A obra apresentada por Julieta no concurso é composta por figuras femininas exaltando e erguendo a bandeira da República. Talvez essa representação fosse uma simbologia à uma pátria ideal, que acolhe homens e mulheres de forma igualitária

Ou pode ser que a artista quisesse representar a pátria amada através de seu gênero, onde mulher e a criança no topo do monumento simbolizam a nação maternal que trata seus filhos com justiça e igualdade.

Projeto de um monumento à República do Brasil, (1906) - Julieta de França.  
Fonte: Arte Educação (online).

Não sabemos ao certo a intenção da artista, o que podemos observar é que essa visão não retrata a realidade da sociedade em que Julieta estava inserida, uma vez que mulheres não tinham voz na República do Brasil, terra onde aquela que ousasse contestar um pronunciamento de autoridade masculina tinha sua trajetória silenciada e apagada da memória coletiva.

# Georgina de Albuquerque

(TAUBATÉ/SP, 1885 – RIO DE JANEIRO/PA, 1962)



*Sem Título, 1881- Afigail de Andrade. Coleção Particular.*  
FONTE : CITALLARESTAURO (ONLINE).



*Duas amigas, 1930. - Georgina de Albuquerque.*  
FONTE : READING AND ART BLOG (ONLINE).

A pintora expressionista Georgina de Albuquerque teve alguns privilégios durante sua carreira, diferentemente da realidade de muitas mulheres artistas na História da Arte.

Precisamos lembrar que, além de ser uma mulher branca e ter boa condição financeira, a artista vivenciou uma época em que as instituições de ensino já aceitavam mulheres nos quadros de alunos, lhe permitindo o ingresso em grandes academias de arte do Brasil e do mundo.

Em 1904, Georgina adentrou na Escola Nacional de Belas Artes, onde posteriormente atuaria como Professora e Diretora. A pintora também estudou em Paris, na École Nationale Supérieure des Beaux-Arts (ENSBA) e na Académie Julian, onde estudou utilizando modelos nus e aperfeiçoou suas pinturas no gênero histórico.



# Georgina de Albuquerque

(TAUBATÉ/SP, 1885 – RIO DE JANEIRO/PA, 1962)

É interessante observar que, na pintura acima, a artista promoveu rupturas e abordou um momento histórico sob uma perspectiva de gênero, dando protagonismo à então princesa Leopoldina.

Apesar de ser uma artista consagrada e por ter sido premiada, até mesmo pelo quadro acima, a memória iconográfica mais forte que temos de representação desse acontecimento histórico é a pintura "Independência ou morte" de Pedro Américo.



*Sessão do Conselho de Estado, 1922 - Georgina de Albuquerque.*  
FONTE: ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL (ONLINE).



*"O grito do Ipiranga", 1888 - Pedro Américo.*  
FONTE: HISTÓRIA DAS ARTES (ONLINE).

Trazer para a sala de aula a visão da mulheres artistas sobre um contexto histórico e as respostas elaboradas em suas obras para pensar questões da sociedade em que se inseriram, é um instrumento poderoso na busca por uma historiografia mais democrática.

*Ao retratar essa cena histórica sob uma diferente perspectiva, Georgina amplia nossa visão de mundo, nos revelando que por trás de uma grande decisão, que mudou toda a história do Brasil, havia a articulação política de uma mulher. Já tinha parado para pensar sobre isso?*

# ELISA MARTINS DA SILVEIRA - (TERESINA/PI, 1912 - RIO DE JANEIRO/RJ, 2001)

A artista fazia parte da vertente da arte designada Naïf, uma modalidade artística geralmente desempenhada de maneira autodidata, não seguindo as estéticas clássicas e acadêmicas.

A não adequação às consagradas técnicas contribuiu para a estigmatização desse seguimento, de modo que o termo Naïf, em francês, significa "ingênuo" e reflete a visão reducionista que atribuía certa inferioridade ao estilo.

A produção de Elisa Martins tem grande importância e contribuição não apenas para o estilo Naïf, mas para a arte brasileira. Exposta nacional e internacionalmente, sua produção artística revela a excelência técnica de seus trabalhos e valiosa pesquisa acerca do regionalismo e tradições locais, o que desconstrói e impede a associação reducionista e estigmatizante que é feita da estética Naïf, tida como simples, de menor valor e menos elaborada.



*Três dançarinos, 1958 - Elisa Martins da Silveira.*  
FONTE : OFICINA PALIMPSESTUS (ONLINE).



*Malfiação do Judas, 1960. - Elisa Martins da Silveira.*  
FONTE : OFICINA PALIMPSESTUS (ONLINE).



*Circo, 1957. - Elisa Martins da Silveira.*  
FONTE : OFICINA PALIMPSESTUS (ONLINE).

# DIAMANTES DE AREIA

7/8



LARGO DO ROSÁRIO - VISTA DA CIDADE, 1976 - GOIANDIRA DO COUTO  
FONTE : REVISTA NÓS - CULTURA, ESTÉTICA E LINGUAGENS - VOLUME 3 /  
NÚMERO 2.



GOIANDIRA E SUAS AREIAS COLORIDAS  
FONTE : REVISTA NÓS - CULTURA, ESTÉTICA E  
LINGUAGENS - VOLUME 3 / NÚMERO 2. 2018.

## Goiandira Ayres do Couto - (Catalão/GO, 1915 - Goiânia/GO, 2011)



FLAMBOYANTS, 1962 - GOIANDIRA DO COUTO  
FONTE : REVISTA NÓS - CULTURA, ESTÉTICA E  
LINGUAGENS - VOLUME 3 / NÚMERO 2.

Goiandira do Couto, além de pintora também foi membra fundadora da Academia feminina de Letras e Artes de Goiás. Conhecida por sua técnica de pintar utilizando areias da Serra Dourada, a artista retratava em suas obras casarões antigos e paisagens da cidade de Goiás - GO.

A originalidade de sua forma de se expressar nas telas através de seu método utilizando areias coloridas, criado em 1967 pela artista, ganhou reconhecimento internacional.

Goiandira não foi a única artista de sua família, ela era prima da célebre poetisa e contista Cora Coralina (Cidade de Goiás, 1889 - Goiânia, 1985).

# MARIA AUXILIADORA

## ARTE, RESISTÊNCIA E NEGRITUDE

PN

(CAMPO BELO (MG), 1935 - SÃO PAULO (SP), 1974



CAPOEIRA, 1970 - MARIA AUXILIADORA  
FONTE: MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO (2018)



BAR COM GAFIEIRA, 1973 - MARIA AUXILIADORA  
FONTE: MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO (2018).



MARIA AUXILIADORA AO  
LADO DE SUAS TELAS.  
FONTE: BUALA.ORG (ONLINE).

Maria Auxiliadora é uma artista negra que produziu no Brasil dos anos 70, tempos de ditadura militar. A artista supera obstáculos históricos, sociais e culturais, fazendo da sua arte uma resistência. Suas obras dão expressão à mulher negra na vida privada e cotidiana, abordando de seus desejos e subjetividades, além de exaltar a cultura afro-brasileira, retratando suas danças, festividades e religião.

Uma característica marcante nos trabalhos da artista são cenas de lazer e diversão onde o negro figura como protagonista, rompendo com as representações estereotipadas de escravo ou trabalhador manual. Outra singularidade das suas telas é a pintura de bordados e o efeito de relevo em suas obras. Maria Auxiliadora ganhou prêmios e participou de exposições no Brasil e no exterior, a narrativa de suas telas parece simples, mas é cheia de nuances e possibilidades de leitura.



*"Reisado" - Dileusa Diniz Rodrigues*  
FONTE: GALERIA JACQUES ARDIES

# A grandeza da arte ing nua de Dila

A pintora, escultora e ilustradora maranhense, Dileusa Diniz Rodrigues Humberto de Campos MA, 1939, é autodidata e suas produções em estilo são referência nacional, expondo-as em renomadas galerias no Brasil e no mundo.

A artista também tem quadros no Museu de Arte Naïf de Max Fourny, em Paris e no Museu de Arte de Bariloche, na Argentina.

Paisagens urbanas e rurais, bem como a cultura popular, marcam as produções daquela que tem um olhar fascinado pelo mundo que a cerca.

A presença da coletividade, seja nas festas, reuniões religiosas, no manuseio da terra ou nas atividades cotidianas, também é uma característica pulsante em suas obras.



“Espontânea, popular, sensibiliza com o fascínio de suas cores vivas, todas as classes sociais. Ingênua na simbologia, mas percuciente em suas mensagens, estabelece com o povo imediata interação.”

**AFONSO PANTOJA**

(apud SANTOS, 2021, p. 2)

Foto da artista Dila. Fonte: Youtube - A ciência que eu faço - Dileusa Dinis (online).

Dessa forma escreveu o crítico e poeta, Afonso Pantoja, sobre a artista Dila.

É interessante observar que Afonso Pantoja usa o termo "ingênua" para se referir ao estilo *aif* utilizado nas obras de Dila, cujo nome significa: ingênuo, mas logo após o crítico deixa claro a natureza densa que as narrativas propostas pela



Detalhe do Painel "São Luís Antigo" - Aeroporto Internacional de São Luís.  
DILEUSA DINIS RODRIGUES

artista em suas obras adquirem, que nada têm de ingênuas.

Contudo quem faz uma pausa à contemplação, percebe facilmente a qualidade do traço, o detalhamento no uso das cores, os efeitos de luz e sombra e, especialmente, a notável narrativa retratada em suas produções.



## PALETA DE FILMES

O filme *Camille Claudel*, de 1988, dirigido por Bruno Nuytten, aborda uma história que infelizmente é bastante comum no mundo da arte, em que uma mulher artista tem sua trajetória associada às figuras masculinas que fazem parte de sua vida, seja através de suas relações amorosas, do seu contexto de casamento, filiação ou maternidade. Isso porque, sobre as mulheres artistas pesa o julgamento de suas vidas privadas e sexuais.

Nesse contexto, o filme narra a vida de Camille Claudel (1864-1943), uma talentosa escultora francesa do século XIX cuja trajetória foi marcada pelo relacionamento que teve com o talentoso escultor Auguste Rodin, um homem casado, caindo em desgraça diante da sociedade da época.

Lembrada apenas como a amante, musa e auxiliar de uma importante figura masculina da história da arte, a produção artística de Camille permaneceu até o final de sua vida na obscuridade. Após longos anos de um conturbado relacionamento com Rodin, Camille rompe o caso que tinham e adentra em profundo isolamento, culminando com sua internação em um asilo psiquiátrico por iniciativa de sua família, lugar onde permanece, contra a sua vontade, durante anos.

### DE OLHO NO MUSEU



#### MUSEU CAMILLE CLAUDEL

Apenas recentemente, em 2017, a fim de resgatar a memória da artista, foi criado o Museu Camille Claudel, construído na casa em que a artista cresceu, localizada em Nogent-sur-Seine, na França.

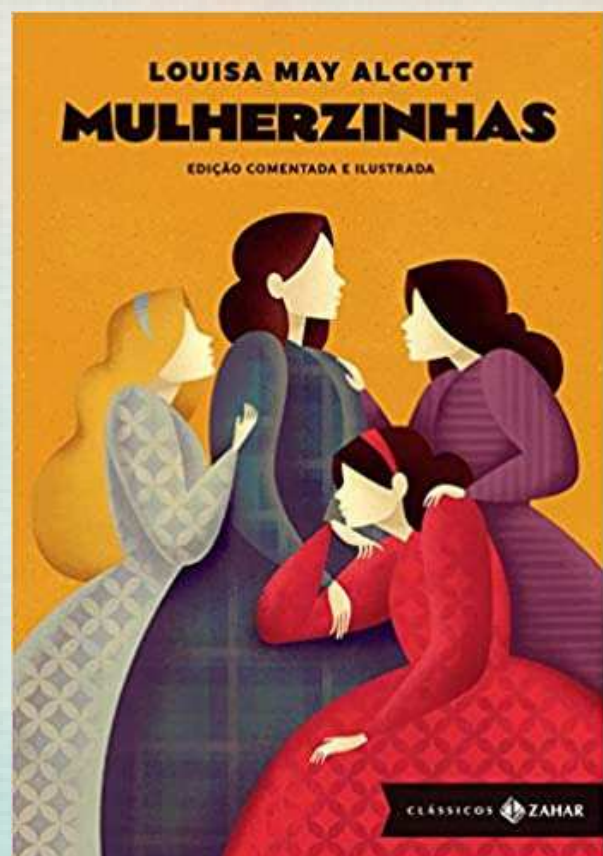
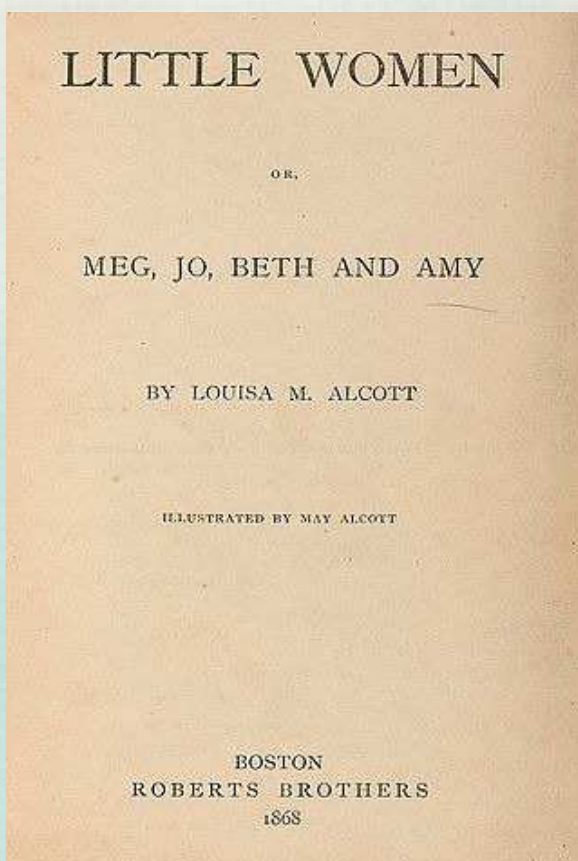
O museu salvaguarda cerca de 43 obras da escultora, uma pequena mostra que resistiu à invisibilidade.



# ACERVO LITERÁRIO

O livro "Little Women", que no Brasil recebeu a tradução "Mulherzinhas", foi escrito por Louisa May Alcott e publicado originalmente em 1868. A obra dá enfoque ao protagonismo feminino, em sua narrativa ela aborda o crescimento e desenvolvimento das quatro filhas de Marmee March: Meg, a filha mais velha, Beth, a pianista, Jo, a escritora, e Amy, a pintora, que passam juntas pela longa espera do pai que estava na Guerra Civil Americana.

Dentre elas, Jo é a mais audaciosa, desde jovem ela descobriu que tinha talento para a arte da escrita. A partir daí, Jo passa a escrever para ajudar a sustentar a família, assumindo a responsabilidade de contribuir no pagamento das contas da casa durante a Guerra Civil. Apesar de ser um romance ambientado no século XIX, as personagens rompem com algumas expectativas criadas para as mulheres e, mesmo com os percalços enfrentados, as garotas desenvolvem-se pessoal e profissionalmente em suas vocações.



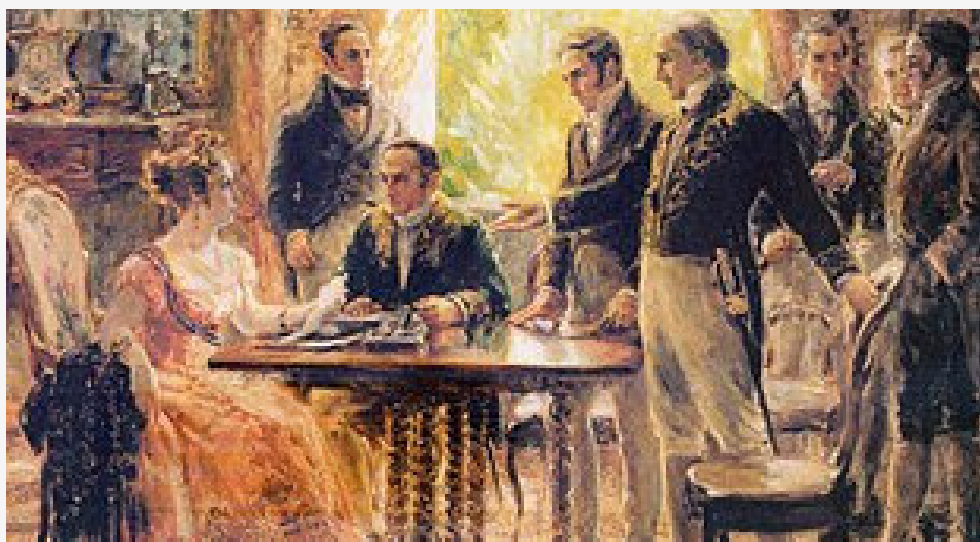


# EXERCITANDO O CONHECIMENTO

2) Existem diversas fontes que possibilitam ao historiador a imersão nas sociedades do passado, no estudo de processos históricos, seus agentes e suas representações. Nesse sentido, a arte é um instrumento de pesquisa bastante útil, pois nos oferece ricas informações acerca da visão de um sociedade, ou de um grupo, sobre um fato histórico. As duas imagens abaixo representam um mesmo acontecimento, mas sob diferentes perspectivas. Escreva as informações que podem ser retiradas a partir da sua leitura das duas obras.



"O grito do Ipiranga"  
Pedro Américo, 1888.  
Fonte: RTP Educa (online).



"Sessão do Conselho de Estado,"  
Georgina de Albuquerque, 1922.  
Fonte: Expor Visões (online).



# EXERCITANDO O CONHECIMENTO

b) Em sua opinião, o acesso a essa diversidade de fontes históricas possibilita o diálogo com temas que não são trabalhados nos livros didáticos? Explique.



# EXPOSIÇÃO DE MULHERES ARTISTAS

UMA MOSTRA DA EXCLUSÃO

 **Notificações**

agora

Chegou a hora de iniciarmos a nossa jornada pelos museus, adentraremos no campo da invisibilidade. Vamos juntos?

Aceitar

Excluir



# A BUSCA POR VISIBILIDADE SE ESTENDE AOS DIAS ATUAIS



EXPOSIÇÃO DO COLETIVO GUERRILLA GIRLS NO MASP EM 2017.  
FONTE: GUERRILLA GIRLS (ONLINE).

Os espaços museológicos são marcados pela invisibilização das mulheres artistas, isso advém de uma herança histórica que as manteve fora dos lugares de memória como acervos, livros, registros e dos próprios museus, que continuam a reproduzir essa exclusão.

As mulheres têm presença marcante nas exposições como musa, objeto de observação do artista, mas o lugar delas fora das telas e esculturas, assumindo papel de criadoras é bastante escasso nos museus. Aliás, essa longa batalha por espaço se estende aos dias atuais.

Isso fica fácil de visualizar ao nos depararmos com a exposição ocorrida em 2017 no Museu de Arte de São Paulo (MASP), em que o grupo Guerrilla Girls produziu um cartaz denunciando que apenas 6% das obras do acervo do museu eram de artistas mulheres, contudo, 60% dos nus eram femininos. Perceber esse percentual numa das principais instituições da América Latina, e de forma tão recente, nos faz perceber o quanto a discussão dessa problemática é pertinente e necessária.





# QUEM SÃO AS GUERRILLA GIRLS ?

O grupo Guerrilla Girls, de origem estadunidense, foi criado em 1985 e é formado por ativistas feministas que expõem dados de acervos de museus como forma de protesto contra as diferenças de gênero no âmbito artístico ao redor do mundo.

O mais inusitado é que as componentes do grupo sempre são vistas utilizando máscaras de gorila, além de chamar atenção para a causa, as máscaras protegem a identidade das manifestantes. As Guerrilla Girls marcaram presença em muitos museus do mundo, elas utilizam cartazes cheios de ironia e humor para abordar a dificuldade de ser uma artista em um meio artístico dominado por homens.

Nesse cartaz, elas fazem uma lista das “vantagens” de ser uma artista mulher. Mas o que elas abordam são as falsas vantagens, que expõem a realidade das mulheres artistas e a desigualdade de gênero que ainda faz parte do mundo da arte.

CARTAZETE GUERRILLA GIRLS  
FONTE: GUERRILLA GIRLS (ONLINE).

# AS VANTAGENS DE SER UMA ARTISTA MULHER:

Trabalhar sem a pressão do sucesso  
Não ter que participar de exposições com homens  
Poder escapar do mundo da arte em seus quatro trabalhos como freelancer  
Saber que sua carreira pode decolar quando você tiver oitenta anos  
Estar segura de que, independentemente do tipo de arte que você faz, será rotulada de feminina  
Não ficar presa à segurança de um cargo de professor  
Ver as suas ideias tomarem vida no trabalho dos outros  
Ter a oportunidade de escolher sua carreira ou a maternidade  
Não ter que engasgar com aqueles charutos enormes nem ter que pintar vestindo ternos italianos  
Ter mais tempo para trabalhar quando o seu homem lhe deixar por uma mulher mais nova  
Ser incluída em versões revistas da história da arte  
Não ter que passar pelo constrangimento de ser chamada de gênio  
Ver sua foto em revistas de arte usando uma roupa de gorila

UMA MENSAGEM DE URGÊNCIA PÚBLICA DAS **GUERRILLA GIRLS** CONSCIÊNCIA DO MUNDO DA ARTE

Essa exclusão não é vista apenas no Masp, basta dar uma rápida olhada nos acervos de museus do Brasil e do mundo para que se perceba que esse espaço tem domínio masculino. O grupo Guerrilla Girls passou por diversos países expondo o apagamento da produção artística feminina no interior de grandes museus.

Outro exemplo da desigualdade de gênero nas instituições museológicas é a diferença entre o número de obras de artistas homens em relação ao de artistas mulheres no Museu de Arte Contemporânea do Paraná (MAC-PR), que no ano de 2019 totalizou uma diferença de 786 obras. O número é expressivo e foi averiguado pela pesquisa intitulada "Estamos aqui!". Tal pesquisa posteriormente tornou-se uma

exposição de arte que trouxe a conscientização acerca do silenciamento da produção artística feminina.

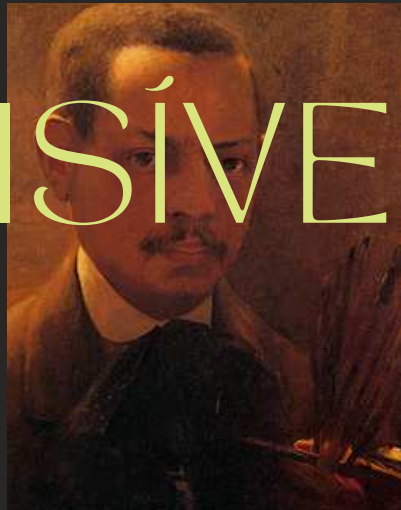
Com isso, o museu se propôs a dar um passo no sentido de repensar a instituição, as narrativas históricas ali contadas e a matriz excludente da história da arte ali reproduzida, no sentido de promover a abertura do museu às histórias eclipsadas, em busca de um equilíbrio. Esse movimento de reflexão acerca das políticas de aquisição de obras nos museus tem ganhado força, reconhecendo que esses espaços reproduzem a exclusão e o apagamento de sujeitos preteridos pela História.



**As mulheres precisam estar nuas para entrar no Met. Museum?**

CARTAZETE GUERRILLA GIRLS  
FONTE: GUERRILLA GIRLS (ONLINE).

# OLHARES SOBRE O INVISÍVEL



Autorretrato (1908),  
Arthur Timótheo da Costa.  
Fonte: Museu Pinacoteca (online.)



Cigana(1910),  
Arthur Timótheo da Costa.  
Fonte: Itaú Cultural (online).

Os dados são ainda mais preocupantes com relação às mulheres negras, essas têm suas produções artísticas invisibilizadas e excluídas dos espaços de memória. Olhar mais atentamente para essas lacunas possibilita a visualização de que, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, um dos museus mais importantes do Brasil e o mais antigo do Estado de São Paulo, continha em seu acervo somente duas obras de artistas negros: as telas Autorretrato (1908) e Cigana (1910), sendo as duas do mesmo artista, Arthur Timótheo da Costa (1882-1922), e integrando o museu em 1956 através de uma doação ao acervo.

Dessa forma, tem-se que o museu ficou até a década de 90 do século XX possuindo apenas a representação de um artista negro, e nenhuma artista negra. Esses dados evidenciam o cânone\* androcêntrico\* e branco que ainda marca os espaços museais e nos instigam a pensar a museologia por uma categoria que subverte as tradicionais construções da História da Arte.



## Glossário

agora

A palavra "cânone" advém do grego "kanon" que denominava uma vara utilizada como referência de medida. Ao longo do tempo, o termo "cânone" assumiu a ideia de seleção de livros, obras ou sujeitos que transmitem um padrão intelectual ou estético, e que irão representar os critérios e normas do que é tido como legítimo e do que é marginal.

ok



## Glossário

agora

Androcêntrico - aquilo que privilegia o que é masculino

ok

48





# DE OLHO NOS MUSEUS



## O Que É O Acervo De Um Museu?



O termo "acervo" deriva do latim "acervus", que significa coleção. A definição não mudou muito, pois "acervo" faz referência à um conjunto de peças, obras ou outro material que componha uma coleção.

Assim, a coleção de obras de um Museu é chamada de acervo. Na atualidade o acervo digital é cada vez mais adotado pelos museus ao redor do mundo. Você sabia que pode visitar um museu sem sair de casa? Isso mesmo, diversos museus possibilitam a visita virtual de seus acervos.

Que tal então se aventurar em passeios por museus virtuais? É uma boa forma de se manter conectado com a cultura, ainda mais em tempos de pandemia, em que nos sentimos isolados do mundo.

Sem falar que esse passeio é totalmente gratuito e sem filas, muito legal, não é mesmo? Então não perde tempo, nas próximas páginas disponibilizamos QR Codes de alguns museus. Para você conferir, basta aproximar a câmera e mirar no QR Code que deseja visitar.

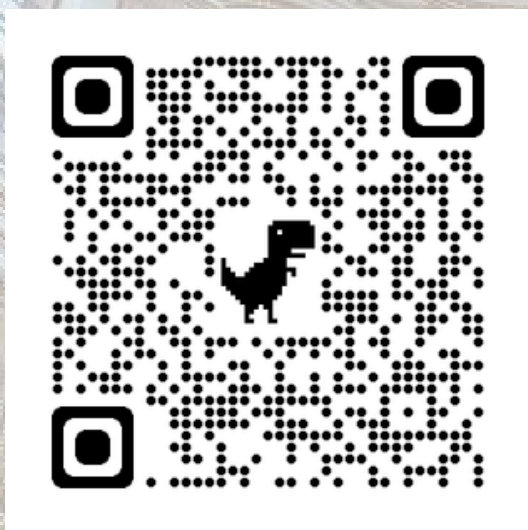
MUSEU DE ARTE DA BAHIA,  
SALVADOR/BA



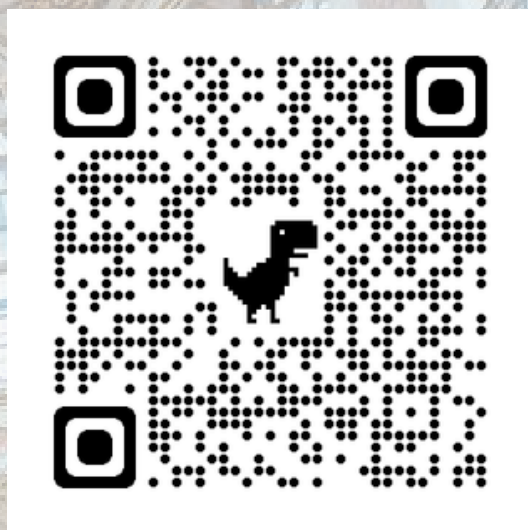
GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA,  
SÃO PAULO/SP



MUSEU DA AMAZONIA (MUSA),  
MANAUS/AM



MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO (MASP),  
SÃO PAULO /SP



LOUVRE, PARIS – FRANÇA



MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO /RJ



METROPOLITAN MUSEUM OF ART, NOVA YORK – ESTADOS UNIDOS



MUSEO FRIDA KAHLO, CIDADE DO MÉXICO - MÉXICO



Para conhecer mais museus do Brasil e do mundo, acesse a plataforma Google Artes e Cultura:





# ACERVO LITERÁRIO



“É de se imaginar que ela seja da maior importância; na prática ela é completamente insignificante. Ela permeia a poesia de capa a capa; está sempre presente na história. Domina a vida de reis e conquistadores na ficção; na vida real, era escrava de qualquer garoto cujos pais lhe enfiassem um anel no dedo. Algumas palavras mais inspiradas, alguns pensamentos mais profundos da literatura vieram de seus lábios; na vida real, ela pouco conseguia ler, mal conseguia soletrar e era propriedade do marido.” (WOOLF, 2014, p. 67)



Esse trecho foi retirado da obra “Um Teto Todo Seu” de Virginia Woolf (2014). Na citação acima, Virginia nos ajuda a entender o lugar ocupado pela mulher na ficção, explicando que a mulher esteve presente e era muitas vezes mencionada pela pena do escritor, como personagem criada sob seu olhar e segundo os seus estereótipos. Mas essa representação que é feita dela não significa representatividade, citá-la e ao mesmo tempo privar-lhe a pena é desmerecer sua capacidade criativa.

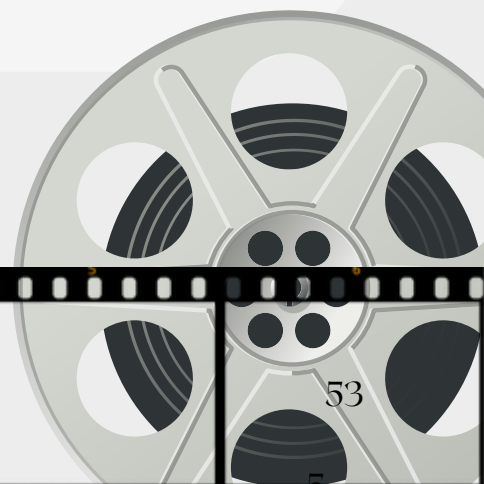
Durante a leitura, a autora nos conduz à uma trajetória de reflexão acerca do que era necessário para que uma mulher escrevesse ficção, ao tempo em que apresenta a situação desfavorável em que as mulheres se encontram quando tentam ocupar espaços e realizar trabalhos que não são esperados para o sexo feminino. Durante a narrativa ela levanta uma série de questões que passam despercebidas para muitos de nós, como por exemplo: caso Shakespeare tivesse uma irmã tão talentosa quanto ele, haveria uma grande possibilidade de que ela não conseguisse desenvolver seu talento e, caso tentasse, fracassaria ante as amarras sociais e históricas que sufocavam as pretensões femininas que estivessem fora do que era convencionalmente designado à uma mulher de valor. Tentar ocupar esse espaço lhe custaria tudo.



## PALETA DE FILMES

Dirigido por Mike Newell em 2003, o filme “O sorriso de Monalisa” se passa no início da década de 1950. A ficção narra a trajetória de Katharine Watson (Julia Roberts), uma professora de História da Arte recém-formada pela Universidade de Berkeley, na Califórnia, que começará a dar aulas em um colégio tradicional.

A professora depara-se com uma educação bastante distinta, em que as mulheres, apesar de cultas, eram tradicionalmente direcionadas ao contexto doméstico. O grande desafio de Katharine será trabalhar em suas alunas a identidade cultural destas enquanto sujeitos históricos e proporcionar às moças a aquisição de novos conhecimentos.



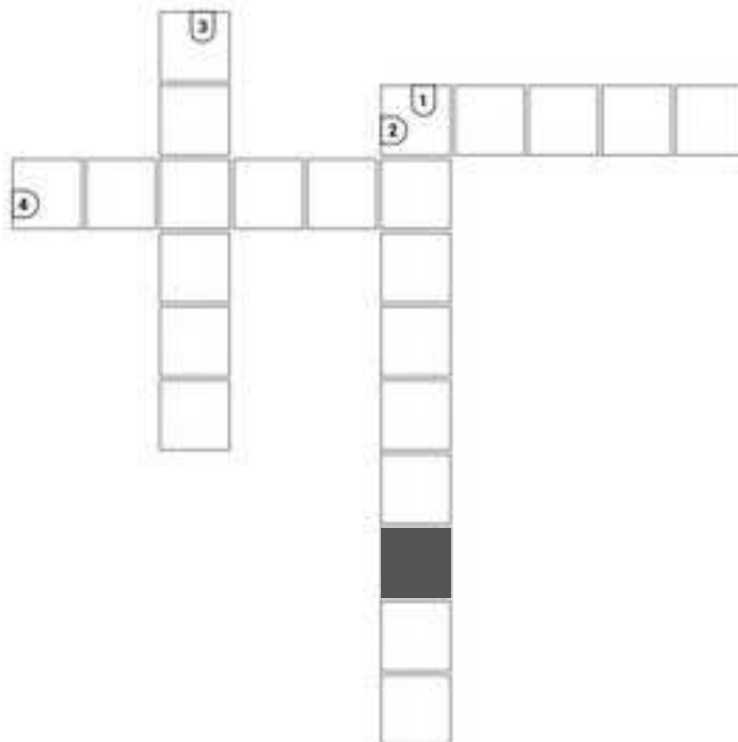


# PALAVRAS CRUZADAS

Hey, vamos jogar?

Encontre as 4 palavras escondidas. Divirta-se!

- 1) Do ponto de vista da técnica, mais especificamente com relação ao desenho dos corpos, o que era proibido às mulheres artistas?
- 2) Lugar de memória que salvaguarda a produção artística.
- 3) Palavra derivada do grego "kanon", designa a seletividade que existe em um segmento, determinando o que é legítimo e o que não é.
- 4) Categoria que compreende as relações entre homens e mulheres.



- Confira as respostas na próxima página.



## RESPOSTAS



*Chegou a hora de conferir as respostas das palavras cruzadas.*

*Vamos lá ?*

1) Do ponto de vista da técnica, mais especificamente com relação ao desenho dos corpos, o que era proibido às mulheres artistas?

R- modelo nu

2) Lugar de memória que salvaguarda a produção artística.

R- museu

3) Palavra derivada do grego "*kanon*", designa a seletividade que existe em um segmento, determinando o que é legítimo e o que não é convencional.

R- cânone

4) Categoria que compreende as relações entre homens e mulheres.

R- gênero



## EXERCITANDO O CONHECIMENTO

1) “Nenhuma época foi tão voluntariamente produtora de arquivos como a nossa [...]: À medida que desaparece a memória tradicional, nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi” (NORA, 1993, p. 15).

Segundo Pierre Nora, a memória não é espontânea, precisando ser lembrada e salvaguardada nos lugares de memória. Nesse sentido, os museus podem ser considerados lugares de memória? Se sim, qual memória tem sido salvaguardada nesses espaços?

---

---

---

---

---

---

---

---



## CONCLUS O



Os lugares de memória são espaços patrimoniais da cultura, contudo, a representatividade das produções artísticas de determinados sujeitos ainda é muito invisibilizada nesses espaços.

Dentre esses sujeitos encontram-se as mulheres artistas, estas não tiveram a legitimação e a difusão de suas produções nos espaços que salvaguardam a memória e, com isso, percebe-se a lógica androcêntrica que ainda faz parte desses espaços. Esse apagamento da produção artística feminina tem raízes numa História da Arte que tradicionalmente as manteve na obscuridade.

Tal herança excludente que permeia livros, acervos de museus e registros históricos, revela o modo como a experiência e o olhar do sujeito masculino são apontadas como experiências de todos os indivíduos, de forma universalizante. Isso atravessa a importância dada à intelectualidade feminina e o reconhecimento de suas experiências, saberes e memórias.

## Notificações

agora

Nossa jornada pelo histórico apagamento de mulheres artistas está chegando ao fim, mas isso não quer dizer que você não possa continuar pesquisando sobre o tema. Eu te convido a continuar descobrindo mais sujeitos deixados à margem do relato histórico e compartilhar isso em sala de aula. O que você acha?

Aceitar

Excluir



**AUTORA**

Linda Evelyn Sousa

---

---

**ORIENTADORA**

Profa. Dra. Elizabete Sousa  
Abrantes

---



# IMAGENS

Diagramação - CANVA. Disponível em: [www.canva.com](http://www.canva.com). Acesso em 20 dez. 2021.

CAPA - Gamze Özdemir. Disponível em: <https://www.canva.com/design/DAFEtgphIYM/3DGVYyPwBMVzoxHFODUr2w/edit#>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Foto da página 3 - Luis Dalvan. Disponível em: <https://www.canva.com/design/DAFEtgphIYM/3DGVYyPwBMVzoxHFODUr2w/edit#>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Foto da página 4 - arquivos da autora.

Foto da carta da página 6 - Andrys. Pixabay. Disponível em: <https://www.canva.com/design/DAFEtgphIYM/3DGVYyPwBMVzoxHFODUr2w/edit#>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Foto da página 8 - Rahul Pandit. Disponível em: <https://www.canva.com/design/DAFEtgphIYM/3DGVYyPwBMVzoxHFODUr2w/edit#>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Foto do pincel da página 9. Disponível em: <https://www.canva.com/design/DAFEtgphIYM/3DGVYyPwBMVzoxHFODUr2w/edit#>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Foto do pincel da página 12 - Tookapic. Disponível em: <https://www.canva.com/design/DAFEtgphIYM/3DGVYyPwBMVzoxHFODUr2w/edit#>. Acesso em: 20 dez. 2021.



# IMAGENS

Ilustração da página 12 - Ctker Free Vector. Disponível em: <https://www.canva.com/design/DAFEtgphiYM/3DGVYyPwBMVzoxHFODUr2w/edit#>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Foto da página 13 - Elina Krima. Disponível em: <https://www.canva.com/design/DAFEtgphiYM/3DGVYyPwBMVzoxHFODUr2w/edit#>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Foto da página 14 - Clem Onojeghuo. Disponível em: <https://www.canva.com/design/DAFEtgphiYM/3DGVYyPwBMVzoxHFODUr2w/edit#>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Foto da página 15 - Sketchify. Disponível em: <https://www.canva.com/design/DAFEtgphiYM/3DGVYyPwBMVzoxHFODUr2w/edit#>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Página 18 - L'Atelier d'Abel de Pujol, 1822 - Adrienne Marie Louise Grandpierre-Deverzy - Musée Marmottan Monet (online).

Página 18 - L'Atelier d'Abel de Pujol, 1836 - Adrienne Marie Louise Grandpierre-Deverzy - Musée historique environnement urbain (online).

Foto da página 19 - Disponível em: <https://viagemitalia.com/filmes-sobre-artemisia-gentileschi/> Acesso em: 20 dez. 2021.

Fotos da página 20 - Disponíveis em: <https://minadehq.com.br/resenha-artistas-brasileiras-de-aline-lemos/>. Acesso em: 20 dez. 2021.



# IMAGENS

Foto do caça-palavras da página 21 - Inspireus. Pixabay. Disponível em: <https://www.canva.com/design/DAFEtgphIYM/3DGVYyPwBMVzoxHFODUr2w/edit#> Acesso em: 20 dez. 2021.

Foto do livro da página 23 - Pixabay. Disponível em: <https://www.canva.com/design/DAFEtgphIYM/3DGVYyPwBMVzoxHFODUr2w/edit#> Acesso em: 20 dez. 2021.

Fotos da página 25 - Elina Kríma. Disponível em: <https://www.canva.com/design/DAFEtgphIYM/3DGVYyPwBMVzoxHFODUr2w/edit#>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Foto da página 26 - Heloisa Vecchio. Pexels. Disponível em: <https://www.canva.com/design/DAFEtgphIYM/3DGVYyPwBMVzoxHFODUr2w/edit#>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Tela da página 27 - Interior de ateliê, 1889 - Abigail de Andrade. Guia das artes (online).

Tela da página 28 - Interior de ateliê, 1889 - Abigail de Andrade. Guia das Artes (online).

Foto da página 29 - Julieta de França trabalhando em seu ateliê, fotografia, s.d. Parte do álbum "Lembrança da minha carreira artística, de Julieta de França. Acervo do Museu Paulista da USP, São Paulo. Fonte: Medium (online).

Foto da página 30 - Reabilitação de uma artista. Jornal do Commercio, Juiz de Fora, 26/07/1908. Parte do álbum Souvenir de ma carrière artistique, de Julieta de França. Acervo do Museu Paulista da USP, São Paulo.

Foto da página 30 - Capa do álbum Souvenir de ma carrière artistique, de Julieta de França, s.d. Acervo do Museu Paulista da USP, São Paulo.



# IMAGENS

Foto da escultura da página 30 - Lisa Fotios. Pexels. Disponível em: <https://www.canva.com/design/DAFETgphIYM/3DGVYyPwBMVzoxHF0dUr2w/edit#>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Tela da página 27 - Interior de ateliê, 1889 - Abigail de Andrade. Guia das artes (online).

Foto da página 31 - Projeto de um monumento à República do Brasil, (1906) - Julieta de França. Fonte: Arte Educação (online).

Tela da página 32 - Sem Título, 1881- Abigail de Andrade. Coleção Particular. Fonte : Citaliarestauro (ONLINE).

Tela da página 32 - Duas amigas, 1930. - Georgina de Albuquerque. Fonte : reading and art blog (ONLINE).

Tela da página 33 - *Sessão do Conselho de Estado, 1922 - Georgina de Albuquerque. Fonte : enciclopédia itaú cultural (ONLINE).*

Tela da página 33 - "O grito do Ipiranga", 1888 - Pedro Américo. Fonte : história das artes (ONLINE).

Tela da página 34 - *Três dançarinos, 1958 - Elisa Martins da Silveira. Fonte : oficina PALIMPSESTUS (ONLINE).*

Tela da página 34 - Malhação do Judas. 1960. - Elisa Martins da Silveira. Fonte : oficina PALIMPSESTUS (ONLINE).

Tela da página 34 - Circo, 1957. - Elisa Martins da Silveira. Fonte : OFICINA PALIMPSESTUS (ONLINE).



# IMAGENS

Tela da página 35 -Largo do Rosário - Vista da Cidade, 1976 - Goiandira do Couto. Fonte : Revista Nós - Cultura, Estética e Linguagens - Volume 3 / Número 2.

Foto da página 35 - Goiandira e suas areias coloridas. Fonte : Revista Nós - Cultura, Estética e Linguagens - Volume 3 / Número 2. 2018.

Tela da página 35 - Flamboyants, 1962 - Goiandira do Couto. Fonte : Revista Nós - Cultura, Estética e Linguagens - Volume 3 / Número.

Tela da página 36 - Bar com gafeira, 1973 - Maria Auxiliadora. Fonte: MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO (2018).

Tela da página 36 - Capoeira, 1970 - Maria auxiliadora. Fonte: MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO (2018).

Tela da página 36 - Bar com gafeira, 1973 - Maria Auxiliadora. Fonte: MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO (2018).

Foto da página 36 - Maria auxiliadora ao lado de suas telas. Fonte: MESTRE, 2018.

Tela da página 37 - "Reisado" - Dileusa Dinis Rodrigues. Disponível em:<https://ardies.com/dila/>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Foto da página 38 - Foto da artista Dila. Fonte: Youtube - A ciência que eu faço - Dileusa Dinis (online). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oi33peWcbMo>. Acesso em: 20 dez. 2021.





# IMAGENS

Foto da página 38 - Detalhe do Painel "São Luis Antigo" - Dileusa Dinis Rodrigues. Disponível em: [https://www.catalogodasartes.com.br/cotacao/obrasdearte/artista/Dila/ordem/inclusao\\_mais\\_recente/pagina/1/](https://www.catalogodasartes.com.br/cotacao/obrasdearte/artista/Dila/ordem/inclusao_mais_recente/pagina/1/). Acesso em: 20 dez. 2021.

Foto da página 39 - Disponível em: <http://www.setcenas.com.br/coluna/camille-claudel-1988/>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Foto da página 39 - Museu Camille Claudel, 2018. Fotografia: Chester Santos e Cintia Marques Silva.

Foto da página 40 - LITTLE WOMEN. Disponível em: <https://www.travessa.com.br/little-women-1-ed-2012/artigo/789a789e-4eb0-4674-89d4-aaa347720bc9>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Foto da página 40 - LITTLE WOMEN 1º ED. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mulherzinhas>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Tela da página 41 - "O grito do Ipiranga". Pedro Américo, 1888. Disponível em: <https://ensina.rtp.pt/artigo/o-grito-do-ipuranga/>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Tela da página 41 - "Sessão do Conselho de Estado," Georgina de Albuquerque, 1922. Disponível em: <https://exporvisoos.com/2021/09/10/independencia-no-feminino-com-georgina-de-albuquerque-e-d-leopoldina/>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Foto da página 43 - StockSnap. Disponível em: <https://www.canva.com/design/DAFETgphIYM/3DGVYyPwBMVzoxHF0dUr2w/edit#Acesso> em: 20 dez. 2021.

Foto da página 43 - Freepik. Disponível em: <https://br.freepik.com/>. Acesso em: 20 dez. 2021.



# IMAGENS

Foto da página 44 - Freepik. Disponível em: <https://br.freepik.com/>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Foto da página 45 - EXPOSIÇÃO DO COLETIVO GUERRILLA GIRLS NO MASP EM 2017. Fonte: GUERRILLA GIRLS (online).

Foto da página 45 - Cartazete Guerrilla Girls. Fonte: Guerrilla Girls (online).

Foto da página 46 - Grupo Guerrilla Girls. Fonte: Guerrilla Girls (online).

Foto da página 47 - Cartazete Guerrilla Girls. Fonte: Guerrilla Girls (online).

Foto da página 47 - Cartazete Guerrilla Girls (2) . Fonte: Guerrilla Girls (online).

Tela da página 48 - Cigana(1910), Arthur Timótheo da Costa. Fonte: Itaú Cultural (online).

Tela da página 48 - Autorretrato (1908), Arthur Timótheo da Costa. Fonte: Museu Pinacoteca (online).

Foto da página 49 - Picography. Disponível em: <https://www.canva.com/design/DAFetgphIYM/3DGVYyPwBMVzoxHF0dUr2w/edit#>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Designs da página 49 - designs de Sketchify. Disponível em: <https://www.canva.com/design/DAFetgphIYM/3DGVYyPwBMVzoxHF0dUr2w/edit#>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Foto da página 50 - Viktorya . Disponível em: <https://www.canva.com/design/DAFetgphIYM/3DGVYyPwBMVzoxHF0dUr2w/edit#>. Acesso em: 20 dez. 2021.



# IMAGENS

Foto da página 51 - AzureEyes. Disponível em: <https://www.canva.com/design/DAFetgphIYM/3DGVYyPwBMVzoxHFOdUr2w/edit#>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Foto da página 52 - Capa do Livro "Um teto todo seu", de Virginia Woolf. Disponível em: <https://doity.com.br/clube-do-livro-wlm-7-um-teto-todo-seu-de-virginia-woolf> Acesso em: 20 dez. 2021.

Foto da página 52 - Foto do Filme O SORRISO DE MONALISA. Disponível em: <https://www.planocritico.com/critica-o-sorriso-de-monalisa/>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Foto da página 57 - Quadros .Disponível em: <https://br.freepik.com/>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Foto da autora na página 59 - arquivos pessoais da autora.

Foto de fundo da página 59 - Karolina Grabowska. Pexels. Disponível em: <https://www.canva.com/design/DAFetgphIYM/3DGVYyPwBMVzoxHFOdUr2w/edit#>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Foto de livros da página 68 - Ricardo Esquivel. Pexels. Disponível em: <https://www.canva.com/design/DAFetgphIYM/3DGVYyPwBMVzoxHFOdUr2w/edit#>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Foto da página 72 - Designs de Capturenow e Sketchify. Disponível em: <https://www.canva.com/design/DAFetgphIYM/3DGVYyPwBMVzoxHFOdUr2w/edit#>. Acesso em: 20 dez. 2021.



# BIBLIOGRAFIA



ALCOTT, Louisa May. *Mulherzinhas*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2020.

ARTEMISIA. Direção: Agnès Merlet. França: PolyGram Film Distribution, 1997.

BARBOSA, Ana Mae. *Arte no Brasil: várias minorias*. Revista *Gênero*, v. 3, n. 2, 2003.

BOUNIA, Alexandra. *Gender and material culture*. *Museum and Society*, v. 10, n. 1, p. 60-65, 2012.

BRULON, Bruno. *Museus, mulheres e gênero: olhares sobre o passado para possibilidades do presente*. *Cad. Pagu, Campinas*, n. 55, e195515, 2019.

CABRAL, Ana Claudia de Moura. *A profissionalização da mulher no Campo artístico*. *Ícone: Revista Brasileira de História da Arte*, v. 3, n. 3, p. 86-126, 2018.

CAMILLE CLAUDEL. Direção: Bruno Nuytten. França: Os filmes Christian Fechner, Lilith Filma IA, Gaumont, Antenne 2, DD Productions, 1988.

CAO, Marián López Fdz; VALENCIA, Antonia Fernández. *Museos en femenino: un proyecto sobre igualdad, empoderamiento femenino y educación*. *Storia delle donne*, v. 14, p. 103-124, 2018.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da história/Michel de Certeau*; tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica [de] Arno Vogel. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHAGAS, M. *Memória e poder: dois movimentos*. *Cadernos de Sociomuseologia*, v. 19, n. 19, 11. 2002. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/48579398.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2020.

COZZETTI, Giovanna Mendonça; NIBBERING, Lucas. *MASP entre Guerrilla Girls e 8M:: as ações do museu pela discussão das histórias femininas e feministas*. *Anagrama*, v. 14, n. 1, 2020.



# BIBLIOGRAFIA



FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Gabriela. *As artistas mulheres atuantes durante os séculos XVI e XVII na Europa*. *Revista Belas Artes*, N.26, 2018.

FIGURELLI, Gabriela Ramos. *Articulações entre educação e museologia e suas contribuições para o desenvolvimento do ser humano*. *Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio-PPG-PMUS Unirio| MAST*, v. 4, p. 111, 2011.

GOMES, Flávio dos Santos; LAURIANO, Jaime; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Enciclopédia negra: biografias afro-brasileiras*. Companhia das Letras, 2021

GOOGLE ARTS & CULTURE. *Site mantido pelo Google em colaboração com museus espalhados por diversos países*. Disponível em : <https://artsandculture.google.com/>. Acesso em: 20 jan. 2021.

JORDAO, Fabricia Cabral de Lira. *Pequenos gestos, memórias disruptivas: revolver o passado, reescrever o presente, transformar o futuro*. *PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais*, v. 25, n. 43, 2020.

LEITE, José Roberto Teixeira. *Pintores negros do oitocentos*. São Paulo: Araújo, 1988.

LEMOS, Aline. *Artistas Mulheres*. Belo Horizonte: Editora Miguilim, 2018.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. *Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino*. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis , v. 10, n. 2, p. 283-300, July 2002 .

MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO. *Obras Expostas*. 2018. Disponível em: <https://masp.org.br/acervo/explore>. Acesso em: 20 jan. 2022.



# BIBLIOGRAFIA



Entrevista: Dila, a virtuose da arte ingênua do Maranhão. **Notícias UFMA**. 01 out. 2021. Disponível em: <https://portalpadrao.ufma.br/site/noticias/entrevista-dila-a-virtuose-da-arte-ingenua-do-maranhao>. Acesso em: 3 fev. 2022.

NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas?** 2ª edição - Tradução Juliana Vacaro. São Paulo: Edições Aurora/ Publication Studio SP, 2016.

NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 10. São Paulo, dez.-1993.

O SORRISO DE MONALISA. Direção: Mike Newell. Estados Unidos: Columbia Pictures; Revolution Studios; Red Om Films Productions, 2003.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução: Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

SANTOS, Renata Aparecida Felinto. **A pálida História das Artes Visuais no Brasil: onde estamos negras e negros?** Revista GEARTE, v. 6, n. 2, 2019.

SCOTT, Joan Wallack. **Prefácio a gender and politics of history**. Cadernos pagu, n. 3, p. 11-27, 1994.

SCHWARCZ. Lília Moritz. **Para conhecer as histórias silenciadas das mulheres artistas**. Nexo. 21 de out de 2019. Disponível em: <https://demopub.staging.nexo.cue.cloud/colunistas/2019/Para-conhecer-as-hist%C3%B3rias-silenciadas-das-mulheres-artistas>. Acesso em: 15 jan. 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**, In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 73-102.



# BIBLIOGRAFIA



SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti; DIAS, Elaine. *Mulheres artistas: as pioneiras (1880- 1930)*. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2015.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti; NOGUEIRA, Manuela. “Outras telas para outros papéis – Nas pinturas de Georgina de Albuquerque, figuras femininas são protagonistas no trabalho e na política”. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Edição 113. 2015.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Profissão artista: pintoras e escultoras acadêmicas brasileiras*. 1. ed. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2019.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Profissão artista: pintoras e escultoras brasileiras entre 1884 e 1922*. 2004. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *O Corpo Inacessível: às mulheres e o ensino artístico nas academias do século XIX*. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 83-97, jan.-jun. 2007.

SIMÕES, Igor Moraes. *Onde estão os negros? Apagamentos, racialização e insubmissões na arte brasileira*. *PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais*, v. 24, n. 42, 2019.

VAQUINHAS, Irene. *Museus do feminino, museologia de gênero e o contributo da história*. *MIDAS. Museus e estudos interdisciplinares*, n. 3, 2014.

VICENTE, Filipa Lowndes. *A Arte sem História. Mulheres e cultura artística: séculos XVI-XX*. Lisboa: Athena, 2012.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução de Bia Nunes de Sousa e Glauco Mattoso. 1. ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DO  
MARANHÃO

# PPGHIST

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – UEMA  
MESTRADO E DOUTORADO PROFISSIONAL